

FH quer juro bancário menor

Presidente diz que crise passou e prega redução de taxas para que país possa crescer

Miriam Leitão

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso acha que os juros bancários, na faixa em que estão, muito acima dos juros básicos, são uma "apropriação indébita" por parte dos bancos. Ele reconhece que a dívida pública é grande e mobiliza muitos dos recursos disponíveis, sabe que os impostos são altos, mas acha que nada explica o tamanho dos juros no Brasil.

— É uma apropriação indébita e quero que o Banco Central encontre uma fórmula para reduzi-los. Claro que ninguém pensa em tabelamento ou coisa semelhante, mas se os juros bancários, juros ao consumidor, não forem reduzidos, não haverá aumento de demanda, não haverá retomada do crescimento — afirmou.

O presidente disse que não tomará qualquer medida que discrimine o capital estrangeiro na reestruturação de setores estratégicos. Contou como será a atuação do BNDES nas fusões, garantindo que ele não coordenará o processo. Garantiu que o pior da crise foi entre abril e julho.

— O pior passou. No segundo semestre teremos um pequeno crescimento e no ano que vem o crescimento pode ser de 4% — previu.

Ele garantiu que até o fim do ano estará aprovada a reforma tributária com duas idéias principais: simplificação e desoneração da produção. Sobre o combate à pobreza, afirmou que seu Governo está gastando diretamente com os pobres R\$ 17 bilhões só este ano.

• **JUROS BANCÁRIOS:** Fernando Henrique acha que nada explica a diferença de juros. O BC está estudando o assunto, mas para o presidente está errada a idéia com que alguns técnicos do BC trabalham:

— Não é o Estado o culpado pelos juros bancários. Sei que a dívida é alta e isso mobiliza muitos dos recursos disponíveis. Mas isso não explica toda a diferença. É preciso que os juros ao consumidor e às empresas sejam reduzidos. É por causa desses juros que o BNDES muitas vezes tem que atuar como banco comercial. Já deixamos entrar alguns bancos estrangeiros para que, na competição, essas taxas fossem reduzidas, e isso não foi suficiente. No estudo do BC ficou constatado que 30% do diferencial entre a taxa básica e a taxa cobrada das empresas e dos consumidores eram provocadas pelos compulsórios e por impostos incidentes sobre a intermediação bancária. Os outros 70% são atribuídos pelos bancos à inadimplência.

O presidente acha que há mais explicações para a diferença. Não diz como pretende mudar a situação, mas que discutirá a questão com o BC. Negou que vá tomar medidas coercitivas, mas pareceu muito firme na intenção de conduzir esta mudança, sem a qual a queda dos juros básicos não produzirá com a rapidez que se quer a retomada do crescimento. Ele deixou claro que não interfere de forma alguma na fixação dos juros básicos.

— Vi interpretações de que os juros caíram mais do que o mercado esperava porque o Governo precisava de mais apoio no Congresso. Nada disso. O BC tomou a decisão numa reunião de seis horas, pelas razões que avaliou corretas.

• **REFORMAS:** A agenda do semestre será basicamente a Lei de Responsabilidade Fiscal, a reforma tributária e a reforma da Previdência. O presidente pareceu convencido de que conseguirá aprovar a reforma tributária este ano. Mesmo diante da ponderação de que os governadores não parecem concordar com as idéias básicas da reforma, continuou garantindo que o Governo vai lutar para aprová-la até o fim do ano.

— Uma resistência dos governadores, provocada pela idéia de que eles vão perder poder sobre os recursos, pode-se contornar com a idéia de deixar que as máquinas estaduais recolham o IVA, retenham o que lhes cabe e repassem para a Receita Federal a diferença, mas outras resistências podem continuar. Nós precisamos desta reforma, a sociedade sabe disso e pressionará por ela. A reforma tributária terá que trabalhar com dois conceitos básicos:



Ailton de Freitas

O PRESIDENTE em cerimônia no Planalto para regulamentação do crédito popular: reformas como solução para a pobreza

"O pior passou. O segundo semestre será melhor. No ano que vem e nos próximos, muito provavelmente o país crescerá forte. Não digo 7% ou 8%, mas 4% ou mais"

Fazendo previsões para a economia

"A população continua de mau humor. E os analistas acham sempre que tudo é culpa do Governo. Mas isto não me preocupa mesmo"

Comentando a queda de popularidade

simplificação do sistema tributário e desoneração da produção.

Mas o presidente está mesmo preocupado é com as mudanças que terá que fazer na estrutura da Previdência.

— Há um problema de estoque: o da Previdência pública, que custa R\$ 20 bilhões por ano ao Governo. Há um problema de fluxo: o da previdência do setor privado, que tem um déficit menor, mas que cresce a uma velocidade maior. O problema é que toda vez que se tenta fazer alguma mudança, a resistência é enorme: no Congresso, no Judiciário e até na imprensa. Os jornalistas começam a apresentar a mudança como prejudicial. O problema é que o Brasil tem que mudar a Previdência, o mundo inteiro está fazendo mudanças. No Brasil este é o centro do déficit.

• **FUSÕES E CONCENTRAÇÃO:** O presidente está convencido de que, inexoravelmente, o país entrará agora numa fase de fusões em determinados setores, em reestruturação de empresas, mas deixa claro algumas premissas de como o Governo se conduzirá neste processo.

— O BNDES não vai fazer as fusões. Ele vai financiar quando for viável economicamente. O problema é que os empresários brasileiros é que pedem que o BNDES coordene, porque eles não sabem como fazer, como viver sem o Estado. Mas esta idéia de que alguns setores precisam de reestruturação já está sendo estudada há muito tempo no BNDES, desde a época do Pio Borges.

A segunda premissa da ação do Estado neste processo, segundo o pre-

sidente, derruba muito discurso nacionalista de ocasião que está prontinho para ser feito.

— O Governo não vai tomar decisões que discriminem o capital estrangeiro neste processo.

Perguntei ao presidente se, por exemplo, os alemães da Krupp-Thyssen fizeram uma proposta firme melhor que a Gerda para a compra da CSN, qual será a atitude do Governo. Sua resposta:

— Vamos fazer como fizemos na época da venda da Acesita-CST, em que os franceses da Usinor fizeram uma proposta melhor do que a do Benjamin Steinbruch e levou a empresa.

Segundo o presidente, não há qualquer sentimento contra o capital estrangeiro nesta reestruturação empresarial que vai ocorrer no Brasil:

— O investimento direto tem vindo para o Brasil de maneira firme. Em julho bateu recorde a entrada de investimento direto estrangeiro. E não é capital especulativo que já foi embora. É capital para investimento que não deixou de vir.

O presidente garantiu que este processo não trará de volta antigas políticas de escolhas de vencedores ou distribuição de privilégios.

— Sabemos bem que alguns empresários querem ganhar sempre e querem ficar com tudo.

• **CAMINHONEIROS:** Na visão do presidente a greve dos caminhoneiros foi grave sim, mas ao mesmo tempo reveladora:

— O Brasil virou uma economia de logística e, em países assim, qualquer greve nos meios de transporte

afetam o país. Estive nos EUA uma vez quando fizeram greves dos aviários e perdi um tempo enorme para chegar a Nova York. Normalmente estas greves são graves, mas é possível reduzir seu efeito. Os caminhões começaram a perder volume de carga para outras modalidades de transporte, como aquaviária e trem. E vão perder muito mais quando corrigirmos um erro que cometemos: nós privatizamos antes de termos um órgão regulador do transporte. Este órgão vai ser criado. Vamos criar também um de águas. E o órgão conduzirá as mudanças de forma mais rápida. O que tornou esta greve tão ampla foi o apoio dos empresários.

O presidente reconheceu, no entanto, que os pedágios estão muito caros, principalmente os das rodovias estaduais.

• **ARTICULAÇÃO:** O presidente disse que fez a reforma que quis e trocou as pessoas que quis. Acha que agora terá mais tempo inclusive para lutar pelas reformas porque a coordenação estará sendo feita pelos ministros Aloysio Nunes Ferreira e Pimenta da Veiga.

— Os dois são necessários. Cada um com seu estilo e em sua área vão fazer a coordenação política. Quem continuará não fazendo é a Casa Civil. O que tirou o Clóvis da Casa Civil foi que ele acabou se incompatibilizando com muita gente. Há muita gente que ainda pensa que Casa Civil é centro da coordenação política. Isto é uma visão velha. Ela faz é a coordenação das ações de Governo, o

que ficará agora com Pedro Parente.

• **ARGENTINA:** O presidente acha que neste período eleitoral argentino, com crise econômica, a relação está difícil.

— Não é o momento mais difícil do Mercosul. Já vivi outros.

Ele contou que, na mesa de jantar, estavam todos nervosos de lado a lado.

— Os mais calmos eram mesmo o Menem e eu. Ele confirmou que os argentinos admitiram que o presidente Carlos Menem não sabia o alcance da medida de restrição tomada pelo país e por isso decidiu voltar atrás:

— Nós nos comprometemos a ver este problema dos calçados, mas não concordamos com a idéia geral de uma compensação à Argentina por prejuízos desequilíbrios provocados pela desvalorização brasileira.

Fernando Henrique disse que o acordo tem que ser preservado porque sempre foi bom para todos os países.

• **PREVISÕES:** O presidente acha que o pior passou. Admite que o pior momento foi de setembro, quando o Brasil perdeu US\$ 20 bilhões de reservas cambiais, a abril.

— O segundo semestre será melhor do ponto de vista econômico. Haverá um começo de retomada de crescimento, principalmente se os juros bancários forem reduzidos. Mas, no ano que vem e nos próximos, muito provavelmente o país crescerá forte. Não digo 7% ou 8%, mas digo 4% ou mais.

• **DESVALORIZAÇÃO:** O presidente conta uma história um pouco diferente da que acabou sendo registrada. Ele insiste que foi empurrado para a desvalorização pela crise externa. Ele acha que sabe que no momento está sendo considerado como o presidente que prometeu não desvalorizar e acabou desvalorizando:

— Estou escrevendo notas. Todos aqueles momentos foram registrados. Não serei eu a usar estas notas para escrever e nem acho que deva ser agora, mas está tudo registrado. Portanto, para a História, não ficarei como o presidente que fez o oposto do que prometeu nas eleições.

Ele comemora o resultado do que aconteceu na economia brasileira nos últimos meses:

— Todos os analistas previram catástrofes. Eu não. Eu sabia o quanto o Brasil vem mudando.

Ele credita à nova mentalidade do brasileiro a garantia da estabilização. Faz elogios ao ministro Pedro Malan e ao presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e admite que houve um dia em que o Brasil correu grande perigo.

— No dia 29 de janeiro, quando tive que ir duas vezes à televisão. Mas vencemos. O dinheiro voltou aos bancos — revelou.

Ele disse que o Governo americano telefonou para ele em março perguntando se os números que estavam saindo eram verdadeiros e ele disse que sim. Em abril, telefonou-lhe Stanley Fischer (vice-diretor-gerente do FMI) e lhe disse: "Eu só tenho uma palavra para lhe dizer: Parabéns. Vocês venceram!"

— Hoje somos conhecidos no mundo como o país que fez o melhor programa de estabilização e a a melhor transição cambial.

• **POPULARIDADE:** Ele acha que vai continuar pagando o preço da mudança cambial, do ambiente de crise que se instalou no país, em forma de perda de popularidade.

— A população continua de mau humor. E os analistas acham sempre que tudo é culpa do Governo. Mas isto não me preocupa mesmo. Continuarei trabalhando no segundo semestre em coisas como reforma tributária, reforma da Previdência, que ferem interesses e que manterão minha popularidade em baixa. Sei que estamos mudando o Brasil. São enormes as mudanças feitas em todas as áreas e não apenas aquelas decorrentes das reformas. As mudanças na educação e na saúde também são reformas.

• **FH GARANTE NÃO HAVERÁ CONFLITO ENTRE MALAN E CLÓVIS** no Panorama Econômico, página 22

• **FH REGULAMENTA PROGRAMA CONTRA A POBREZA** na página 4